



EXEMPLOS



Depois da morte mas antes do Paraíso:

as diferenças e semelhanças entre o discurso oficial da Igreja Católica e a crença expressa nos exempla em relação á purgação dos pecados no pós-morte na Península Ibérica dos séculos XIV e XV

Alessandro Güntzel¹

Resumo:

O presente trabalho teve por objetivo perceber como as coleções de *exempla* compiladas ou escritas na Península Ibérica durante os séculos XIV e XV tratam da possibilidade de remissão dos pecados após a morte do indivíduo, e se há correlação entre as concepções acerca deste tema nestas coleções de *exempla* com aquilo que era pregado oficialmente pela Igreja Católica durante o mesmo período, nomeadamente a doutrina sobre o Purgatório. Percebeu-se a existência de grandes discrepâncias entre essas coleções e a doutrina acerca do Purgatório. As fontes foram então comparadas com outras de mesmo gênero e temporalidade, porém de espaços geográficos diferentes, e também com fontes de gênero diferente, porém de espaços geográficos semelhantes, para perceber se as diferenças encontradas se deviam ao tipo de fonte ou ao local de produção das coleções. Obteve-se como resultado a segunda opção. Com isso concluiu-se que, ao que indicam as fontes estudadas, provavelmente a doutrina acerca do Purgatório ainda não havia se difundido na Península Ibérica nos séculos XIV e XV, mostrando que há um descompasso entre as igrejas peninsulares e a região central do catolicismo. Contudo, se mostrou bastante difícil perceber se a concepção expressa nos *exempla* possuía algum caráter popular regional, já que a análise das fontes mostrou que os autores das coleções buscam exemplos em diversas obras espalhadas tanto geograficamente quanto temporalmente.

Esta apresentação tem como objetivo a exposição dos resultados de meu trabalho de conclusão de curso, onde analisei quatro livros medievais.

Nesta pesquisa foram analisadas quatro coleções de *exempla* medievais, escritos ou traduzidos na Península Ibérica durante os séculos XIV e XV. O objetivo foi perceber como tais fontes mostram o Além e abordam a questão da possibilidade ou não da purgação dos pecados após a morte, buscando compreender o porquê da existência de diferenças com que a Igreja pregava oficialmente no período. As coleções de *exempla* constituem um gênero literário voltado à pregação dos preceitos católicos, amplamente utilizados principalmente durante a Baixa Idade Média.

Foram quatro as fontes analisadas no trabalho: “Libro de los exenplos por A.B.C.”, escrito pelo Leonês Clemente Sánchez de Vercial, Arcebispo de Valderas, entre os anos de 1400 e 1421, utilizado como guia em sermões, mesmo que seu objetivo inicial não tenha sido esse; “El Libro de los Gatos”, escrito originalmente pelo monge inglês Odo de Cheriton, por volta de 1220, com o título de *Fabulae*. É uma das primeiras coleções de contos traduzidos do latim para o castelhano e representa um dos primeiros contatos literários importantes que tiveram os hispânicos com a produção inglesa, tendo sido bastante utilizado durante a Baixa Idade Média; “Orto do Esposo”, escrito em Portugal no final do século XIV, de autor desconhecido, tendo se tornado, a julgar pelo número de cópias existentes, bastante popular; “El especulo de los legos”, é uma compilação originalmente inglesa (*Speculum Laicorum*), do final do século XIII; a tradução castelhana desta obra possui grande fidelidade à original.

Há uma significativa diferença entre a coleção “*El especulo de los Legos*” para as demais fontes. A explicação para isso está na já mencionada fidelidade da tradução ao original inglês, enquanto as demais obras são de produção ibérica, o que o faz seus textos serem mais semelhantes à doutrina “ortodoxa” da Igreja Católica. A coleção “*El libro de los gatos*” também se trata de uma tradução inglesa, mas bastante diferente do “Especulo de los legos”, já que o tradutor possui também o caráter de criador, pois ele criou praticamente metade do que está nesta coleção.

A definição de *exemplum*, gênero literário ao qual tais fontes se enquadram, pode ser buscada em Le Goff (1990, 158), “O *exemplum* medieval é uma estorieta edificante, na maioria das vezes para uso dos pregadores, que gostam de introduzir *exempla* nos seus discursos para que os ouvintes assimilem melhor uma lição salutar. Trata-se, portanto, de um produto ideológico de largo consumo”. É a partir do século XII que o *exemplum*, como um recurso de pregação, passa a ter maior sucesso; sua origem está na antiguidade greco-romana, como uma “fábula de caráter histórico apresentada como argumento num discurso persuasivo” (LE GOFF, 1994, 123).

O que na antiguidade era utilizado por oradores judiciários ou políticos transforma-se, ao serviço do moralismo cristão, num instrumento edificante. O *exemplum* muda de natureza e de função entre os primeiros séculos do cristianismo e a metade da Idade Média, deixando de centrar-se em histórias sobre um único indivíduo, para se constituir numa narrativa, numa história que se deveria tomar no seu todo como um objeto, um instrumento de ensino e/ou de

edificação. Está ligado à moda do narrativo “e, em particular, do narrativo breve, na literatura, na qual tem parentesco com o *lai*, o *fabliau* e o conto” (Idem).

O *exemplum* busca sua força de persuasão no seu caráter recente. O tempo da história recente escolhido pelos *exempla*, alcançado pela experiência visual ou auditiva e por meio da memória oral (o tempo de uma memória particular), se dará em oposição ao tempo da história antiga, ligado à memória escrita e aos eruditos. Tal caráter desta fonte teria levado os frades mendicantes a serem os grandes difusores deste tipo de história, por serem “especialistas do tempo próximo”. (Idem, 125). O conto exemplar tem por objetivo “promover no ouvinte um acontecimento decisivo para a sua salvação futura: a sua conversão. O *exemplum* é um instrumento de conversão e esta conversão deve efetuar-se imediatamente”. (Idem, 126). Essa “modalidade literária” (DUNBAR, 2009) teve maior impacto ao moldar e estabelecer a literatura, poesia, drama e ficção da vida ocidental, na medida em que deixou de ser utilizada apenas nos sermões, como fonte de pregação, para ganhar outros terrenos, como a educação e literatura.

A escolha dos *exempla* como fonte de estudo deriva do fato de estas narrativas curtas, ocuparem lugar de destaque na Península Ibérica. José Mattoso afirma que

“Apesar de importado, como estratégia pastoral, o *exemplum* enquanto suporte de pregação alcança um certo sucesso na Península. Vem ao encontro da tradição mediterrânica transmitida pelos Árabes, e acolhida com tanto interesse pelos clérigos e leigos nas cortes senhoriais e régias (...)”. (1995, 218)

A peculiaridade dos textos peninsulares vem do fato das coleções hispânicas serem tardias, podendo ser consideradas como “traduções ou imitações de obras análogas oriundas da Europa do Norte” (Idem, 217). Não seriam, porém, simples traduções, mas adaptações, já que estes seriam modificados para transmitirem preceitos que a Igreja Institucional procurava difundir. Por isso, os seres fantásticos característicos dos contos exemplares do norte são substituídos, na Península Ibérica, por santos, anjos, demônios e mortos, mais adequados aos dogmas católicos.

Para alcançar o objetivo deste trabalho é necessário que se faça exposição da doutrina oficial da Igreja e de como esta se desenvolveu ao longo da Idade Média, em resumo, do processo da criação de um terceiro lugar no Além: o Purgatório, conseqüência, principalmente, da normatização da doutrina católica acerca da intervenção dos vivos no mundo dos mortos, tão exaustivamente abordado, no campo historiográfico, pelos estudos de Le Goff.

Apesar da Igreja não regular, ou mesmo confirmar a existência, de formas de intervenção dos vivos no destino das almas dos já falecidos, os primeiros cristãos esperavam que com os sufrágios – ajuda espiritual na forma de preces e oferendas dos vivos – pudessem ajudar aos pecadores mortos a escapar do Inferno ou, pelo menos, aliviar a espera destes pelo momento do Juízo Final. A própria idéia de que o destino da alma era consequência das atitudes em vida de cada um, nos primeiros séculos do cristianismo não era totalmente difundida, já que muitos acreditavam mais no caráter coletivo da decisão divina. Não havia um lugar no Além definido onde a alma dos pecadores pudesse ser purgada, e, em parte por isso, essas crenças na intervenção dos vivos no mundo dos mortos demoraram a se desenvolver como uma doutrina hermeticamente pensada. Nestes primeiros séculos, o Inferno acabou por ser concebido como possuindo dois lugares dentro de si, um inferior, para os piores pecadores, e um superior, para os condenados por pecados mais leves e que poderiam ser, de alguma forma, beneficiados pela oração dos vivos.

O Purgatório, na condição de lugar de purgação e remissão dos pecados, onde as almas poderão se beneficiar pelas práticas dos vivos, se desenvolverá no período entre o Ano Mil e o século XIII (mais especificamente entre 1150 e 1250), momento este onde os teóricos da Igreja não aceitarão a simples divisão dual do Além, criando assim esse terceiro lugar. (LE GOFF, 1993,18). Seu surgimento estará ligado à interiorização do sentimento religioso que “exige do pecador mais uma conversão interna do que atos exteriores”. (LE GOFF, 1989, 76).

Com a criação desse novo espaço do Além, a Igreja reconhece a existência dos não totalmente bons e dos não totalmente ruins, ou seja, reconhece categorias intermediárias, inviáveis na concepção dual do Além dos primeiros séculos do cristianismo. Para este lugar transitório irão agora aqueles que necessitavam se purificar, limpar a alma. Mesmo que não de forma proposital, uma consequência da criação do Purgatório foi o esvaziamento do Inferno, e será em resposta a isso que a Igreja acentuará a semelhança deste local com o Inferno, mesmo que sem negar que há somente uma saída do Purgatório: o Paraíso.

O grau de intervenção dos vivos neste lugar será muito grande; a duração da pena, por exemplo, estará mais vinculada ao quanto os entes daquela determinada alma se esforçam em atitudes para aplacar seu sofrimento, da solidariedade dos vivos com os mortos, do que aos pecados cometidos por ela. Esses entes poderão ser familiares, amigos, religiosos ou mesmo santos mais devotados em vida.

A questão que nos é colocada, a partir desta exposição, é como os *exempla*, sendo constituídos de historietas originadas no seio da cultura popular, podem transmitir a crença no Purgatório, algo tão recente para o período aqui estudado. É possível afirmar que tanto o “libro de los exenplos por A.B.C.”, o “libro de los gatos” quanto o “Orto do esposo” trazem poucas menções à possibilidade de remissão dos pecados após a morte, e quando mencionada, tal purgação é dada no mundo dos vivos, em locais com algum significado para o morto enquanto este ainda estava vivo. Além disso, se comparados os momentos em torno da passagem para o mundo dos mortos, estas coleções de *exempla* em geral dão maior importância, no que diz respeito ao destino da alma, para o momento da morte em si, em detrimento dos momentos posteriores, já no além mundo, o que contrapõe a idéia da existência de um duplo julgamento. Seriam estas diferenças característica do tipo de fonte utilizada (as coleções de exemplos) ou do lugar tratado (Península Ibérica)? As coleções de *exempla* peninsulares diferem de coleções de outros lugares no que toca o tema aqui tratado? O que dizem outras fontes peninsulares do mesmo período sobre este tema?

A solução encontrada para responder tais perguntas foi comparar as coleções de *exempla* aqui tratadas, por um lado, com outras oriundas de outros locais da Europa do mesmo período (nomeadamente França e Inglaterra), e por outro, com o que diz outra categoria de fontes também peninsulares sobre o mesmo tema (no caso optou-se pelos testamentos, entre outros motivos, pela rica produção historiográfica que os utiliza como fonte). Tais comparações mostraram-se muito frutíferas, já que evidenciaram que as coleções de *exempla* aqui tratadas aproximam-se mais dos testamentos da mesma região do que de outras coleções não peninsulares, indicando que essa visão sobre o além e a purgação dos pecados é uma característica regional e não do tipo de fonte. Entre outras constatações que levam a essas conclusões, cabe frisar a grande importância que as coleções inglesas e francesas dão ao Além, que é pouco representado nas coleções ibéricas; em contrapartida, a visão exposta pelos testamentos, nomeadamente a grande importância ao momento anterior à morte e aos ritos que nele acontecem, a ligação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos como uma “via de duas mãos”, a importância do lugar onde o corpo é enterrado, a ausência de menções ao Purgatório, e a importância dada às missas em nome de almas se assemelham em muito com aquilo encontrado nas coleções peninsulares.

Tendo em vista a utilização das coleções de *exempla* como instrumento de pregação, inclusive em sermões, tais diferenças de perspectivas entre sua visão do além mundo com o

dogma do Purgatório podem ser vistas como uma forte evidência da existência de discrepância entre discurso e prática da Igreja Católica, discrepância esta que, a julgar pelas conclusões a que esta pesquisa chegou, é uma característica Ibérica.

Eis que neste momento surge uma nova e relevante pergunta: que grupos da igreja criaram e utilizaram as coleções de *exempla* como forma de pregação? Tanto Le Goff (1993, 352, e 1994, 126) quanto José Mattoso (1995, 220) apontam para o clero regular como o maior utilizador deste recurso, porém sem uma maior abordagem sobre o assunto. Jean-Claude Schmitt (1976) confirma a importância do papel do clero regular na utilização dos *exempla* como fonte de pregação, porém, as ordens mendicantes, além de utilizar, contribuíram também para o desenvolvimento da literatura dos *exempla*, e a inserção deste tipo de texto nos sermões seria um dos traços mais característicos da pregação realizada por estas ordens.

As ordens mendicantes seriam as responsáveis pelo surgimento de um gênero narrativo particular: as coleções de *exempla*, que tornou possível a disseminação massiva deste tipo de texto, e a multiplicação destas coleções ocorrida nos séculos XIII e XV seria prova desta opção das ordens mendicantes. A criação das coleções de *exempla*, portanto, estaria ligada ao aumento da influência das ordens mendicantes, principalmente dos franciscanos. Estas ordens teriam sofisticado a utilização desse tipo de fonte, reunindo e classificando os *exempla*, já que

a repetição dos mesmos *exempla* no seio de um corpus fechado, anônimo, e sempre melhor ordenado deve facilitar a improvisação do pregador e a memorização por ele, como também pelos fiéis de um número limitado de noções essenciais ilustrados de um modo concreto pelas mesmas histórias convencionais. (SCHMITT, 1976, 21)

As fontes utilizadas neste trabalho, infelizmente, não dão conta de afirmar que segmento da Igreja da Península Ibérica utilizava mais os *exempla* como fonte de pregação. Contudo há indícios que podem em parte esclarecer essa questão. A coleção *Orto do Esposo* foi criada por um monge português, sendo que o elogio constante à simplicidade, solidão e contemplação são características da obra que a ligam ao clero regular, provavelmente aos cistercienses. O *Especulo de los Legos* possui todas as características de uma coleção franciscana, de acordo com a classificação proposta por Welter e retomada por Jean-Claude Schmitt: uma coleção muito bem organizada, em ordem alfabética, onde os *exempla* são agrupados de acordo com a proposta temática do autor da compilação. O *Libro de los Gatos* foi originalmente escrito também por um monge, já o *Libro de los exemplos por ABC* foi escrito por um Arcebispo, ou seja, ligado ao clero secular.

Essas informações dão a entender um predomínio do clero regular na criação das coleções de *exempla* analisadas aqui, porém isso talvez não seja o suficiente para responder quem eram aqueles que mais utilizam estas coleções. Em Portugal há ainda uma coincidência interessante que pode apontar em direção a uma resposta; é no século XIII, juntamente com o advento da utilização dos *exempla*, que os Franciscanos e Dominicanos fundam conventos nos principais núcleos urbanos, passando a ter papel importante no ensino (GALLI, 1997, 23). Além disso, com relação aos Franciscanos, pouco tempo depois de se instalarem em Portugal estes já teriam grande simpatia da população das cidades:

“Se a vida pobre, a pregação, o exercício da caridade cristã e a pureza de vida foram fatores que tornaram os Franciscanos benquistos junto à população; por outro lado, a atitude despreziosa dos mesmos em relação às querelas pelo poder e por terras os tornava, ao mesmo tempo, diferentes do clero local – quer o regular ou o secular – e os fazia parecer inofensivos ao poder real, cioso para controlar o poder. A postura daqueles irmãos os limitava ao âmbito do poder espiritual, fator importante em uma sociedade onde as desavenças oriundas da intromissão do espiritual na esfera do temporal e vice-e-versa eram constantes”. (DUARTE, 2006, 253).

Ao contrário dos Franciscanos, os Dominicanos, que chegaram à mesma época, se envolveram em questões com o rei, entrando em conflito com este, sendo tidos como menos carismáticos pela população pelos monarcas portugueses. (Idem). Seria a partir de 1220 que, com o apoio real e do clero secular, os Franciscanos, nomeadamente a Ordem dos Frades Menores, começou a espalhar conventos pelo território português. Por fim, pode-se destacar o importante papel que os Franciscanos irão desempenhar nas instituições de ensino portuguesas, principalmente na Universidade e nos cursos de Teologia, (Idem, 2556) que leva a crer, voltado a tratar da utilização dos *exempla*, que, além de provavelmente os Franciscanos estarem mais ligados à pregação em Portugal, estes também tiveram papel importante na formação dos clérigos em geral. É por este caminho que atualmente esta pesquisa segue: no estudo do Clero Regular e sua relação com o Clero Secular. Neste sentido as coleções de *exempla* ainda constituem uma fonte privilegiada de análise, pois os resultados até agora encontrados as emergem como um lugar disputa entre diferentes discursos e visões de mundo.

Referências bibliográficas

Fontes:

MALLER, Bertil. *Orto do esposo*: texto inédito do fim do século XIV ou começo do XV. Ed. Crítica; Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1956.

KELLER, John E. *El libro de los gatos*: Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1958.

_____. *Libro de los ejemplos por a.b.c.* Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1961.

HERNANDEZ, Jose M. Mohedano. *El especulo de los legos: texto inedito del siglo XV*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1951.

Bibliografia:

ARIÈS, Phillippe. *Images de l'homme devant la mort*, Editora Sevil, Paris, 1983.

_____. *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*, Editora Teorema: Lisboa, 1988.

BRAET, Herman & VERBEKE, Werner (eds.). *A morte na Idade Média*, São Paulo: Editora da USP, 1996.

DUARTE, Maria Teresinha. *Os Franciscanos e o ensino da Teologia na Universidade, em Portugal, ao tempo de D. Dinis*, in Anais do 6º Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2006.

GALLI, Sidinei. *A Cruz, a Espada e a Sociedade Medieval Portuguesa*. São Paulo: Arte e Ciência/UNIP, 1997.

LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (org.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2002.

_____. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Estampa, 1994

_____. *O nascimento do Purgatório*. Lisboa: Estampa, 1993

_____. *A civilização do Ocidente Medieval*. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1995.

_____. *O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval*. Rio de Janeiro: Ed, 1990.

_____. *A bolsa e a vida econômica e religiosa na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

KLEINE, Marina. *El Reyque es fermosura de Espana: imagens do Poder Real na obra de Afonso X, O sábio (1221-1284)* Porto Alegre, 2005.

MACEDO, José Rivair. *Riso, Cultura e Sociedade na Idade Média*. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade UFRGS/Unesp, 2000.

MALKIEL, Maria Rosa Lida de. La vision de transmundo en las literaturas hispánicas. *In: El outro mundo em la literatura medieval*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 1956.

MAROTTA, Cláudia Otoni de Almeida; *O que é história das mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MATTOSO, José. *História de Portugal vol2*, Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

_____. *O reino dos mortos na Idade Média Peninsular*, Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1995.

_____; *O essencial sobre a cultura medieval portuguesa (séculos XI ao XIV)*, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

TAVARES, Maria José Pimenta Ferro. *Pobreza e morte em Portugal na Idade Média*, Lisboa: Editorial Presença, 1987.

VILAR, Hermínia Vasconcelos. *A vivência da Morte no Portugal Medieval, a Estremadura Portuguesa (1300-1500)*, Redondo, 1995.

VOVELLE, Michel. *Imagens e Imaginário na Historia: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

Artigos on-line:

DUMBAR, Kenton T. G.R. Owst: The Sermon Exempla in Medieval England, *Revista Alicanto*, da Universidade de Atacama/Chile: Disponível em: <<http://www.revistahumanidades.uda.cl/publica/010003.pdf>> Acesso em: <outubro de 2009>.

SCHMITT, Jean-Claude, Recueils franciscains d'exempla et perfectionnement des techniques littéraires du XIII au XV, *Revista Persée*, da Universidade Lumière, Lion, França: Disponível em: <<http://www.persee.fr/web/guest/home>> Acesso em <setembro de 2009>. Artigo publicado originalmente em 1976.

Odo of Cheriton. *In: The Catholic Encyclopedia*. Nova Iorque: Robert Appleton Company. Disponível em <<http://www.newadvent.org/cathen/11212a.htm>> Acesso em <outubro de 2009>.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.